

VILLAS-BÔAS CORRÊA

 02 OUT 1996
 Proposta
 marota

Pisando leve, espiando para os lados com o canto dos olhos, o presidente Fernando Henrique vai saindo de mansinho da balbúrdia da eleição municipal para cuidar da roça da reeleição.

Nem precisava ser tão cauteloso, forçando a janela para desguiar-se na moita. Porta da sala entreaberta, basta girar a maçaneta e ganhar a rua sem ser percebido.

Pois, nem de encomenda a campanha — que se encerrou na noite de anteontem, invadindo a madrugada no vexame carioca do pifio debate entre candidatos promovido pela TV Bandeirantes — seria mais ajustada aos interesses do esquema do presidente-candidato.

A aflição natural dos últimos atos da caça ao voto deixa seqüelas que o tempo cicatriza. Ressentimentos devem durar pouco. E até isso favorece o governo. A campanha apenas se interrompe em dezenas de capitais e municípios da lista dos 47 com mais de 200 mil eleitores, nos quais o 2º turno provavelmente adiará a decisão para 15 de novembro. Acrescente-se os dias para curar a ressaca da derrota, espichar as badalações da vitória, e a poeira deverá assentar no finzinho de novembro. Na conta do chá para a mobilização da Câmara na tentativa de aprovar a emenda constitucional da reeleição até 15 de fevereiro, quando se renova a Mesa Diretora.

Tempo à disposição de Fernando Henrique para tecer os fios dos três quintos de votos favoráveis e, em duas rodadas de votação, liquidar a fatura na Câmara. O Senado pode esperar.

A vaga de paixão acendeu fogueiras municipais. E que não costumam poluir o céu federal. Nenhum tema nacional transpassou a malha fina dos desaguisados provincianos. Nem mesmo a bulha nas capitais, como o Rio, São Paulo, Belo Horizonte, perturba a calma. A onda da torcida na apuração apaga a brasa e faz a festa.

O 2º turno opera a mágica de desarmar adversários da véspera. Os classificados necessitam fechar acordos para somar parceiros no mutirão decisivo. E quem perdeu espera ofertas vantajosas. Curtir amargura na solidão do voto em branco, marca da omissão, é uma fria. Eleitor não embarca na canoa furada, acaba cooptado pela exaltação do mano a mano e deixa a cúpula falando sozinha.

Quem enxerga através da névoa avança passos cautos no chão escorregadio. Acelerando em faixa própria, Fernando Henrique reabriu o palco do Palácio do Planalto para sessões diárias de manifestações de apoio à reeleição. Trabalha a curto e médio prazo: um bugalho no Congresso; outro no voto popular. A cabala parlamentar consolida-se com a reformulação urgente do governo, com ou sem reforma parcial do ministério, para retocar a imagem de eficiência administrativa e de desvelada prioridade para os programas sociais. O governo revira pelo avesso para exibir a face oculta na atuação esparsa, discreta, podada pelos cortes de verbas.

Há quem cuide do futuro do PT. A atoarda da militância, no oba-oba da tradicional ofensiva da reta da chegada, celebra por antecipação resultados acima das previsões em capitais e grandes cidades. Assim se abafa o fragor de insucessos parciais anunciados pelas pesquisas. Na faixa de sombra, o deputado José Genoíno, com a competência e argúcia habituais, planta no canteiro revolvido a semente de proposta de marota sagacidade. Em artigo publicado no **JORNAL DO BRASIL** de ontem, com jeito de quem apenas analisa ensinamentos da campanha, identifica três vertentes para a reorganização do caótico quadro partidário: a esquerda, de ocupação exclusiva pelo PT; a direita, território do PPB e do malufismo; e o centro, na faixa cinzenta do meio, área cativa do PSDB-PMDB e parte do PFL.

Assim se oferta, no balaio da esperteza, a polarização entre o PT e o malufismo, descartando-se o resto, que é a maioria, para a disponibilidade secundária da composição de esquemas.

José Genoíno sabe das coisas e não adormece de touca.